

Mídias-educação e o jornal na sala de aula - um estudo comparativo dos projetos vamos ler em dois jornais paranaenses: *Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte*

Zeneida Alves de Assumpção
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Guarapuava, PR

Resumo: Este trabalho discute a relevância das mídias na sala de aula como recurso pedagógico, apresentando um estudo comparativo dos projetos Vamos Ler, em dois jornais paranaenses: *Jornal da Manhã* (Ponta Grossa) e *Tribuna do Norte* (Apucarana). A pesquisa analisa a presença e visibilidade do espaço ocupado pela composição gráfica (texto, ilustração, títulos), mensagens (matérias) e teoria do agendamento mais representativa nesses dois projetos. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, análise morfológica e de conteúdo (quantitativa). Foram analisadas 14 edições do Vamos Ler (*Jornal da Manhã*) e 17 edições do Vamos Ler (*Tribuna do Norte*), no período de agosto a novembro de 2010.

Palavras-chave: Análise morfológica e conteúdo. Mídia-educação. Cultura escolar/ midiática. Jornal na escola.

Abstract: This paper discusses the relevance of media in the classroom as an educational resource, presenting a comparative study of the Project “Let’s Read”, in two Paranenses newspapers: ‘Jornal da Manhã’ (Ponta Grossa) and ‘Tribuna do Norte’ (Apucarana). The research examines the presence and visibility of the space taken by typesetting (text, illustration and headlines), messages (raw) and most representative theory of booking in projects. The methodology used is the bibliographic research, morphological analysis and the content (quantitative). 14 editions of “Let’s Read” (Jornal da Manhã) and 17th editions of “Let’s Read” (Tribuna do Norte) in the period from August to November 2010 were analyzed.

Key words: Morphological analysis and content. Media education. School culture / media. Newspapers in school.

A interface cultura escolar e cultura midiática no contexto pedagógico

A escola é considerada, desde os seus primórdios, uma das instituições sociais de capital relevância para a construção do saber elaborado. Esse saber é respaldado pela cultura escolar, que segundo Jean-Claude Forquin (1993, p.

167) “[...] é o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, ‘normatizados’, ‘rotinizados’, sob o efeito dos imperativos da didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas”. É por meio dessa cultura (escolar) que a escola busca cumprir o seu papel de promotora do desenvolvimento de habilidades, competências e do ensino-aprendizagem, elaborando novos métodos e novas práticas pedagógicas voltados ao ambiente escolar.

Nas atividades pedagógicas poderão estar inseridos projetos voltados à mídia na sala de aula, como ocorre com inúmeras instituições de ensino públicas e privadas no Brasil, bem como em diversos municípios paranaenses, como Apucarana e Ponta Grossa, sendo esses dois, participantes dos projetos Vamos Ler propostos respectivamente pelo jornal *Tribuna do Norte* (2005) e *Jornal da Manhã* (2008).

A produção e o desenvolvimento de atividades pedagógicas com o jornal impresso permitem ao professor a oportunidade de trabalhar a interface das culturas (escolar e midiática). A cultura midiática está presente na contemporaneidade e perpassa pelo contexto vivencial do alunado, haja vista que os educandos já chegam aos bancos escolares munidos dessa cultura porque “[...] são, hoje, cidadãos do mundo.” (GUTIERREZ, 1978, p. 23). Da mesma forma, essa cultura se manifesta, também, nos inúmeros projetos educativo-culturais de empresas jornalísticas (acima citados) e que já fazem parte do cenário escolar.

A relevância da utilização dos meios midiáticos como instrumentos de ensino nas escolas vem sendo proposta desde a década de 1920 (séc. XX), com o surgimento da Concepção Pedagógica Moderna (Escolanovista). Essa concepção pedagógica buscou contrapor a Escola Tradicional e defender o trabalho pedagógico mais voltado à vida, à realidade do cotidiano escolar e principalmente ao aluno.

Respaldado nos preceitos da Escola Nova, esse período histórico foi marcante para a inclusão dos meios de comunicação social nas escolas, especialmente a mídia impressa (jornal). Nesse período, o psicólogo e educador francês, Cèlestin Freinet lançou a imprensa escolar na sala de aula. Desenvolveu diversas ações pedagógicas com o jornal na escola, estimulando os alunos a construir os seus próprios jornais escolares, com conteúdos direcionados à realidade deles e da comunidade em que a escola estava

inserida. Por meio de pesquisa de campo, Freinet valia-se muito dos estudos do meio, uma das vertentes dessa nova concepção pedagógica.

No Brasil, a partir de 1932, a realidade escolar não foi muito diferente. Ao adotar-se a mesma pedagogia (Escolanovista) nas escolas, os professores utilizaram também o jornal impresso e outros artefatos midiáticos para as suas práticas pedagógicas (D'ANGELO, 1994, p. 23).

O jornal impresso foi defendido como mecanismo pedagógico já no século XIX, estendendo-se para o século XX, conforme menciona o pesquisador francês Jacques Gonnet:

Ao final do século XIX, a livraria Larousse havia elaborado um programa pedagógico de aprendizagem da história e da geografia com professores a partir de fotos do noticiário. Nos Estados Unidos, o diretor das escolas públicas de Salem, no Missouri, defendia a utilização dos jornais em aula, que ele praticava no seu distrito desde 1884. Assinante de 60 jornais diários, ele os distribuía nas salas de aula e depois pedia aos alunos para contar o que haviam lido. Tal era o ponto de partida de sua pedagogia, que ele defendeu em uma série de conferências.

[...] na França, as associações profissionais da imprensa se interessa por isso, desde o começo do século XX, inscrevendo este tema em seus programas de debates a partir dos anos 1960. Os jornalistas universitários (AJU) e os da Associação de Imprensa e Informação para a Juventude (APIJ) não hesitaram em interpelar os poderes públicos, em 1971, durante um colóquio na sede do jornal *Ouest-France*. Outras iniciativas em defesa da introdução da imprensa na sala de aula iriam ser tomadas pelas organizações patronais da profissão, a partir de 1975 [...] (GONNET, 2004, p. 41).

Nos dias atuais, são inúmeros os projetos educativo-culturais envolvendo programas jornal e educação, propostos pela Associação Nacional de Jornais (ANJ, 2011) às empresas jornalísticas brasileiras filiadas. Porém, tais iniciativas não representam nenhum ineditismo em termos de mídia-educação, visto que, há muito tempo, essas iniciativas já existiram em outros países.

Nesse mesmo contexto, continuam existindo tais experiências, em diversos países do mundo: Argentina, Estados Unidos, Espanha, França, e outros. A utilização do jornal impresso na escola possibilita ao professor trabalhar a interface das culturas (escolar e midiática). Essa prática permite também ao alunado a realização da leitura semiótica do jornal impresso.

Contudo, é preciso que o professor e alunos compreendam que as mídias se respaldam em uma teoria da comunicação, além das teorias do jornalismo.

Uma teoria da comunicação precisa inserir-se numa síntese global que dê conta da sociedade humana como uma totalidade estruturada e das especificidades de cada nível dessa estrutura (do macro ao micro-estrutural).

[...] precisa ter por trás uma teoria dinâmica social, principalmente da história enquanto constitutiva do cultural. Por outro lado, uma teoria global da sociedade como um dos elementos constitutivos, e dos meios de comunicação como expressões do cotidiano e das relações complexas entre emissores e sociedade. (MORAN, 1993, p. 41).

Nesse sentido, ao utilizar as mídias como recurso pedagógico, o professor precisa contextualizá-las com as diversas áreas de conhecimento: História, Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas, Economia, Política (MORAN, 1993), dentre outras, permeando-as pelas teorias da comunicação e/ou do jornalismo. Dessa forma, o aluno poderá compreender os processos do fazer jornalístico, conforme leciona o jornalista e pesquisador português José Rebelo:

O fazer jornalístico desenvolve-se em dois planos. No primeiro, o jornal procura narrar às notícias, do dia. Cumpre a sua função referencial ou, para utilizar uma expressão corrente, a sua função *informativa*. Simultaneamente, porém, e num segundo plano, gera sistemas de valores – associados à posição do jornal como sujeito da enunciação – que configuram a narrativa produzida. Esta, já não é uma narrativa qualquer. É a narrativa do *jornal*. Se no primeiro plano, o plano do *récit*, prevalece o saber sobre ‘aquilo de que se fala’, no segundo, o plano do *discurso*, prevalece o saber sobre ‘de que modo é que se fala’ e ‘por que é que se fala’. Na justaposição destes dois planos enraíza-se a capacidade do jornal de, por um lado, a/ re-presentar o real, construindo assim uma história do presente, e, por outro, despertar e alimentar um hábito junto da clientela cuja expectativa satisfaz quotidianamente. (REBELO, 2000, p. 41) - grifos no original.

Nesse mesmo contexto, o pesquisador francês Eric Landowski, defende o jornal como sujeito semiótico mencionando:

[...] o jornal é uma empresa, como outra qualquer, age como coletividade dotada de personalidade jurídica, de um estatuto e de uma razão social que garantem sua individuação ante o direito e ante terceiros. Há mais, porém: o jornal precisa possuir também o que se chama uma imagem de marca, que o identifique no plano de

comunicação social. Para lá do simples reconhecimento jurídico, isso implica que uma entidade figurativamente reconhecível tome corpo detrás do seu título: é preciso que o jornal se afirme socialmente como um sujeito semiótico. (LANDOWSKI, 1992, p. 118).

É primordial, portanto, que o professor utilize o jornal impresso na sala de aula, de forma consciente, visando essa mesma consciência para os seus alunos. Mas não pode deixar de lado a perspectiva de que o jornal, “[...]é um sujeito semiótico”, uma empresa que busca lucros. Para ter lucros e continuar como empresa, o jornal precisa cativar e seduzir seus clientes, seus leitores e vender espaços à publicidade e à propaganda. Ele é um produto vendável; “[...] a notícia é um produto à venda”, afirma a jornalista e pesquisadora da ECA-USP, Cremilda Medina (1988).

Mídia-educação e a teoria do agendamento

A expressão *agenda-setting* não é recente. Surgiu na década de 1970 e continua direcionando o fazer jornalístico. Essa teoria, segundo Felipe Pena, “[...] defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas”. O mesmo autor ainda enfatiza: “[...] a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos” (PENA, 2010, p. 142).

Uma das autoridades e estudioso desse assunto, Maxwell McCombs comenta:

De uma hipótese parcimoniosa sobre os efeitos da comunicação massiva na atenção do público acerca dos temas sociais e políticos, esta teoria expandiu-se para incluir proposições sobre as condições contingentes destes efeitos. As influências que estabelecem a agenda da mídia, o impacto dos elementos específicos das mensagens da mídia, e uma variedade de consequências deste processo de agendamento. A Teoria da Agenda tornou-se um mapa altamente detalhado da agenda da mídia e de seus efeitos. (McCOMBS, 2009, p. 8-9).

E frisa também:

A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. [...] os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco

da atenção e do pensamento do público - e, possivelmente, ação - é o estágio inicial na formação da opinião pública. (McCOMBS, 2009, p. 18).

Nesse contexto, é indispensável que o professor se familiarize com determinados e específicos conhecimentos teóricos do fazer jornalístico. Assim, há possibilidade de aliar de forma crítica o fazer jornalístico com o fazer pedagógico.

Reside, nesse aspecto, a relevância do professor em conhecer as teorias e práticas da mídia impressa (jornal), bem como em saber que esse veículo é empresarial, como mencionou acima Landowski. Além disso, deve conhecer e saber decodificar o discurso e o papel do jornal na sociedade da informação tanto como empresa quanto bem simbólico.

Cabem aqui, ainda, os pressupostos teóricos destacados por mais um jornalista e pesquisador, Clóvis Barros Filho, o qual, ao se referir às mídias na sala de aula, remete-as para as teorias do jornalismo e alerta os professores:

É preciso que o aluno saiba que o jornal é fruto de um conjunto de escolhas e seleções arbitrárias. O texto informativo, como qualquer enunciado, é um processo específico de individuação da linguagem enquanto código de significação. Quando um jornalista redige uma matéria, materializa um processo ininterrupto de escolhas, de eliminações que acabam constituindo uma mensagem entre uma infinidade de possibilidades preteridas. Além das escolhas estritamente formais de sintaxe, de léxico, opera-se uma seleção temática. (BARROS FILHO, 1999, p. 30).

O professor precisa tomar ciência das teorias (da comunicação e do jornalismo) que fundamentam os meios midiáticos para poder compreendê-los e saber utilizá-los nas ações pedagógicas cotidianas. É fundamental, portanto, que haja políticas públicas educacionais voltadas à capacitação e formação desse profissional sobre os meios midiáticos, seus produtos, gêneros e formatos. É inadmissível, portanto, que a escola aceite e endosse projetos educativo-culturais envolvendo as mídias na sala de aula se o professor desconhece os preâmbulos dela.

Ademais, a capacitação/formação do professor deverá contemplar a leitura semiótica dos textos (discursivos e imagéticos) do jornal e demais mídias, além da questão empresarial. Assim, o docente terá mais tranquilidade e segurança em acrescentar o jornal impresso (diário) como mais um dos recursos pedagógicos no cotidiano escolar.

É indispensável levar em conta também, o desenvolvimento da criticidade, da crítica social do aluno para com a cultura midiática e o papel dela no contexto educacional, em parceria com a cultura escolar. Para Ellen Campos Caiado:

O jornal é um material considerado rico, desde que utilizado com sabedoria e principalmente planejamento. O jornal oferece uma visão ampla e atualizada que proporcionam o trabalho em conjunto dos recursos que a comunicação oferece, justamente com tabelas, gráficos [...] (CAIADO, 2010).

Nesse aspecto, o pesquisador colombiano Jesus Martin Barbero comenta:

[...] hoje se senta um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes-mosaicos, como os chamou Abraham Moles, porque são feitos de pedaços, fragmentos, o que não impedem os jovens terem, com frequência, um conhecimento mais atualizado em Física, Geografia, História que o seu próprio professor [...] (BARBERO, 2000, p. 55).

Diante do exposto, encontra-se a responsabilidade social e pedagógica do professor conhecer e trabalhar as diversas linguagens. O estudante precisa aprender a compreendê-las e decodificá-las. O trabalho com o jornal impresso levará o professor a entender a relação mídia-educação, fazendo dessa relação um campo de mediações, de intervenção social.

A discussão sobre o papel pedagógico do jornal impresso (diário) na sala de aula e a interferência dele nas práticas pedagógicas atuais é de capital importância, especialmente no que diz respeito à leitura e à produção de texto, pois, “se a leitura do jornal for bem conduzida, ela prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade.” (FARIA, 1999, p. 11).

Da mesma forma, a questão da interdisciplinaridade com o uso desse artefato midiático (jornal impresso) em sala de aula, tão propalada por profissionais da educação e da comunicação deve ser explorada. Mas, afinal, o que é interdisciplinaridade e como ela ocorre no processo pedagógico? A resposta é fornecida por dois pesquisadores brasileiros. Primeiramente, Ivani Fazenda que há décadas estuda a interdisciplinaridade. Segundo essa pesquisadora:

[...] a interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se. Interdisciplinaridade exige um engajamento pessoal de cada um. Todo indivíduo engajado nesse processo será o aprendiz, mas na medida em que familiarizar-se com as técnicas e quesitos básicos, o criador de novas estruturas, novos conteúdos, novos métodos, será motor de transformação. (FAZENDA, 1979, p. 56).

A outra resposta é encontrada no artigo *Interdisciplinaridade: o que é isso?*, de Jairo Gonçalves Carlos.

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atuação de mais de um olhar, talvez, vários (Parâmetros Curriculares Nacionais, BRASIL, 2002 *apud* CARLOS, 2010).

Jairo Gonçalves Carlos defende a interdisciplinaridade como liberdade para as escolas, sem transformá-la numa camisa de força para os professores. O posicionamento dele é semelhante ao ponto de vista de Ivani Fazenda, quando ele também afirma:

Defendemos que a interdisciplinaridade não deveria ser considerada como uma meta obsessivamente perseguida no meio educacional simplesmente por força da lei, como tem acontecido em alguns casos. Pelo contrário, ela pressupõe uma organização, uma articulação voluntária e coordenada das ações disciplinares orientadas por um interesse comum. Nesse ponto de vista, a interdisciplinaridade só vale a pena se for uma maneira eficaz de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos membros da unidade escolar. Caso contrário, ela seria um empreendimento trabalhoso demais para atingir objetivos que poderiam ser alcançados de forma mais simples. (CARLOS, 2010).

Desse modo, a interdisciplinaridade possibilita o desenvolvimento da cultura midiática nas ações pedagógicas cotidianas. As atividades com jornais impressos têm despertado a curiosidade e interesse de educadores e educandos. Ainda que o processo de educar se respalde pela cultura escolar (FORQUIN, 1993), a escola não poderá desconsiderar no seu contexto escolar e pedagógico a cultura midiática. A escola precisa aliar-se a essas duas culturas e tal realidade é possível, através de projetos voltados à interface mídia-educação. Os projetos *Vamos Ler* são exemplos. Porém, qualquer projeto cultural com mídia-educação deve apresentar estratégias que beneficiem a

educação escolar, deixando de lado finalidades implícitas de formar leitor do futuro, ou melhor: comprador da marca do jornal utilizado em sala de aula. Essa modalidade de projetos deverá ser rigorosamente vigiada e descartada pelo professor e pela escola. Nesse sentido, as palavras da pesquisadora Maria Inês Ghilardi são relevantes:

[...] Uma das tarefas do ensino é estudar a mídia para não ser ‘engolido’ por ela; sua importância depende da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social. Fazer do discurso da mídia um ponto de partida para a reflexão e a crítica sobre os fatos do mundo é fazer da sua leitura uma atividade criativa e crítica. (GHILARDI, 1999, p. 111).

Reside, nesse aspecto, alerta aos professores que optam por trabalhar com as mídias na sala de aula para que façam “[...] uma reflexão consistente sobre a comunicação, que fundamente uma estratégia educativa adequada. Há leituras ‘apressadas’ ou deficientes da comunicação, leituras deformadas pelo viés ideológico dos grupos ou instituições que organizam a educação para os meios.” (MORAN, 1993, p. 14). O professor deverá, então, utilizar nas ações pedagógicas (quando estiver trabalhando com mídias-educação) jornais e revistas produzidos por diferentes grupos/empresas jornalísticas. O mesmo processo deverá ocorrer com emissoras de rádio e televisão. A pluralidade de grupos/empresas jornalísticas possibilitará o professor promover, conjuntamente com os alunos, o debate desses artefatos midiáticos de forma crítica. Assim, o professor não estará trabalhando com as mídias de forma “apocalíptica” ou “integrada”¹. Mas, oportunizando aos alunos o desenvolvimento da crítica social e o efetivo exercício da cidadania.

Projetos *Vamos Ler*: a análise desses projetos no *Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte*

Procurou-se analisar os projetos *Vamos Ler* promovidos, indistintamente, pelo *Jornal da Manhã* (2008) e jornal *Tribuna do Norte* (2005), levando-se em consideração o estudo comparativo, o espaço ocupado pelos conteúdos dos referidos projetos e identificação da teoria jornalística. Buscou-se, ainda, os ensinamentos nas teorias (comunicação e educação). Esses saberes foram fundamentais para compreender a dimensão do *Vamos Ler*, como uma das inserções das mídias-educação no contexto escolar.

¹ Termos emprestados de Umberto Eco, 2008.

Os procedimentos metodológicos passaram por três etapas: pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e análise morfológica das mensagens jornalístico-educativas dos referidos projetos.

Cabe aqui explicações sobre o que é uma análise morfológica e de conteúdo. A análise morfológica perpassa pela “[...] morfologia de um jornal e pode ser definida através da comparação entre os elementos utilizados na sua composição gráfica, ou seja, títulos, ilustrações e textos.” (MELLO, 1972, p. 100). Ela faz parte de estudos de jornalismo comparado na América Latina. O mentor desses estudos foi o pesquisador francês Jacques Kaiser. Muitos foram seus seguidores: Wilbur Schramm, Wayne Wof, Paul Deutschmann, James Markham, Francine Batailler, Joffre Dumazedier, Violette Morin (MELLO, 1972, p. 17).

A segunda análise é a de conteúdo e contempla, segundo Laurence Bardin (1977, p. 96-102), três fases: a) pré-análise (leitura flutuante, escolha dos documentos, constituição do *corpus*, preparação do material, referenciação dos índices, elaboração de indicadores e categorização); b) exploração do material (administração das técnicas sobre o *corpus*), c) o tratamento dos resultados e interpretação (operações estatísticas, síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretação). Esse método possibilita a construção de tabelas que mostram os resultados da análise.

A pesquisa se alicerça nas análises comparativas: morfológica e conteúdo visando, respectivamente, aos ensinamentos de Jacques Kaiser, José Marques de Mello e Laurence Bardin. Analisaram-se os elementos gráficos (texto, ilustração e títulos), observando-se a superfície impressa dos espaços ocupados por esses elementos gráficos nos projetos dos dois jornais (Jornal da Manhã e Tribuna do Norte). Entende-se por texto (mensagens pedagógico-jornalísticas), ilustração (fotografias, desenhos, gráficos e infográficos) e títulos.

As análises comparativas (morfológica e de conteúdo), abordagem quantitativa compreenderam: 14 edições (*Vamos Ler*, no *Jornal da Manhã*) e 17 edições (*Vamos Ler* no jornal *Tribuna do Norte*), referentes ao segundo semestre letivo (agosto a novembro de 2010), conforme demonstram as tabelas:

Tabela 1 - Projetos *Vamos Ler* (*Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte*): decomposição quantitativa do espaço impresso, conforme os elementos gráficos

Elementos gráficos	<i>Vamos Ler</i> (<i>Jornal da Manhã</i>)		<i>Vamos Ler</i> <i>Tribuna do Norte</i>		<i>Vamos Ler</i> Total Geral	
	cm/col	%	cm/col	%	cm/col	%
Texto (mensagens)	6.231,55	89,2	6.051,14	86,7	12.826,69	72,9
Texto (apoio cultural)	8.296,50	118,7	3.584,00	51,3	11.880,50	69,8
Texto (expediente)	1.102,50	15,7	(*)	(*)	(*)	(*)
Ilustrações	1.877,89	26,9	5.360,40	76,7	7.238,29	69,9
Títulos	681,21	9,7	443,06	6,3	1.124,27	70,3
Superfície impressa	18.189,65	260,2	15.438,60	221,0	33.069,75	283,0

(*) Não apresentou texto sobre o expediente do Projeto - porcentagens calculadas sobre o total da superfície impressa (edições: agosto a novembro de 2010)

Analisando-se a tabela 1, percebe-se que o projeto *Vamos Ler Tribuna do Norte* utiliza mais ilustrações (76,7%). Elas ultrapassam mais da metade da quantidade de textos e superam as ilustrações do projeto *Vamos Ler Jornal da Manhã*. Entendem-se aqui por ilustração (desenhos, fotografias, gráficos e infográficos). Das 63 ilustrações utilizadas por esse projeto *Tribuna do Norte*, 11 delas são desenhos. Eles (desenhos) são muito explorados (em termos de tamanho = centímetros por coluna/cm/col.) nas páginas desse projeto. Percebe-se que nas 17 edições analisadas (agosto a novembro de 2010), as ilustrações ocuparam 5.360,30 cm/col., atingindo o percentual (76,7%). Nesse mesmo quesito (ilustração), o *Vamos Ler Jornal da Manhã* apresenta 47 ilustrações, no mesmo período estudado. Dessas, 14 são desenhos, muitos deles construídos por alunos participantes do projeto. As ilustrações ocupam 1.877,89 cm/col., em todas as edições (cada edição é constituída por uma única página), perfazendo um total de (26,9%). O percentual e o espaço ocupado (conforme Tabela 1) no *Vamos Ler Jornal da Manhã* representa menos da metade do percentual e espaço ocupado (cm/col.) nas edições do *Vamos Ler Tribuna do Norte*. *Vamos Ler Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte* não utilizaram gráficos e nem infográficos nas edições estudadas, apenas fotografias e desenhos.

Em relação aos títulos das matérias publicadas, o *Vamos Ler* do *Jornal da Manhã* supera o *Vamos Ler* do jornal *Tribuna do Norte*. Pela análise, nota-se que os títulos e antetítulos (colocado nas matérias acima do título principal) são mais elaborados e contemplam as técnicas jornalísticas, além de frases impactantes (sobre a matéria), em ordem direta e sempre com verbos no

tempo presente do indicativo. Exemplos: “Projeto visa intensificar a leitura em sala de aula”, “Estudantes do Colégio SESI visitam a sede do JM”, “Alunos reciclam jornais antigos na aula de artes”, dentre outros. A maioria dos títulos é dupla, o que ocasiona maior ocupação de espaço por centímetros/coluna nas páginas estudadas (681,21cm/col. e 9,7%) em relação ao *Vamos Ler* do jornal *Tribuna do Norte*. Nesse último, os títulos das matérias não seguem as regras jornalísticas. A maioria deles não cita verbos ou citam-nos nas formas nominais (gerúndio). Exemplos: “Dia Nacional da Saúde”, “Poesia”; “O trabalho com o jornal”; “Tv em sala de aula”; “Trabalhando gênero textual”.

Tabela 2 – Espaço ocupado pelas mensagens/matérias semanais dos projetos *Vamos Ler* (*Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte*)

<i>Vamos Ler</i> (Jornal da Manhã)			<i>Vamos Ler</i> (Tribuna do Norte)		
Semana/ Mês	Número matérias/ semana	Total espaço/ Cm ² /semana - %	Semana/ mês	Número matérias/ semana	Total espaço/ Cm ² /semana - %
05/08	(*)	(*)	05/08	3	27,5
12/08	(*)	(*)	12/08	3	17,2
19/08	2	13,8	19/08	4	20,5
26/08	2	9,5	26/08	3	26,3
02/09	3	25,4	02/09	2	21,7
09/09	1	17,8	09/09	1	47,3
16/09	(*)	(*)	16/09	1	25,2
23/09	2	10,0	23/09	3	36,9
30/09	2	8,4	30/09	4	23,1
07/10	2	15,2	07/10	3	19,3
14/10	1	21,2	14/10	3	23,3
21/10	2	20,0	21/10	3	16,4
28/10	1	6,9	28/10	3	38,4
04/11	2	14,7	04/11	3	25,8
11/11	1	8,3	11/11	3	17,7
18/11	2	14,2	18/11	3	21,5
25/11	2	12,5	25/11	3	20,1
Total Média/ Semana	25	197,9	Total Média/ Semana	48	428,2

(*) – editorias do Projeto não publicadas - Percentagens calculadas sobre o total da superfície impressa (edições: agosto a novembro de 2010).

O *Vamos Ler Tribuna do Norte* publicou 48 mensagens no período analisado (agosto a novembro de 2010), compreendendo três a quatro matérias por edição, quase o dobro de mensagens/matérias publicadas pelo *Vamos Ler*

Jornal da Manhã, que prima pela publicação de uma ou duas matérias por página (edição).

Verifica-se na Tabela 2 que o *Vamos Ler Jornal da Manhã* publicou uma matéria (na semana - 09 de setembro) e uma matéria (na semana - 14 de outubro), atingindo, respectivamente: 17,8 e 21,2%. Significa que os espaços ocupados nas páginas desse projeto (17,9% cm/col.) são maiores ou iguais aos espaços ocupados com duas ou três matérias. O mesmo ocorrendo com *Vamos Ler Tribuna do Norte* nas semanas 09 e 16 de setembro. Nessas duas semanas (quintas-feiras) foi publicada apenas uma matéria em cada uma das respectivas semanas. Os espaços ocupados (respectivamente: 47,3 e 25,2%) são também maiores em relação aos espaços ocupados por duas ou três matérias.

Tabela 3 – Análise de conteúdo das mensagens/matérias publicadas semanalmente nas editoriais dos projetos *Vamos Ler*, dos seguintes jornais impressos:

Categorias das mensagens	<i>Vamos Ler (Jornal da Manhã)</i>		<i>Vamos Ler (Tribuna do Norte)</i>		<i>Vamos Ler Total</i>	
	Nº abs.	%	Nº abs.	%	Nº abs.	%
Leitura*1	20	66,2	09	63,3	29	129,5
Produção de texto	27	39,0	20	38,9	47	77,9
Cultura	07	69,2	28	122,6	35	191,8
Cidadania	05	11,9	06	15,0	11	26,9
Saúde	(*)	(*)	04	48,2	04	48,2
Comportamento	05	16,7	06	31,7	11	48,4
Total	64	203,0	73	319,7	137	522,7

(*) – O projeto não publicou temas sobre saúde – porcentagens calculadas sobre o total da superfície impressa (edições: agosto a novembro de 2010).

Os temas/mensagens cultura, cidadania e comportamento apresentam-se com mais visibilidade no *Vamos Ler Tribuna do Norte*. Foram publicados mais textos relacionados com a cultura, saúde, cidadania e comportamento em relação ao *Vamos Ler Jornal da Manhã*. Além desses, outros temas foram direcionados à sala de aula: “Agregando conhecimentos”; “Trabalhando gênero textual”; “Literatura infanto-juvenil: um passaporte para a leitura”; “Crônica do Colégio Prisma”; “Pesquisa sobre leitura do TN”, “Por que ler é importante”.

O *Vamos Ler Jornal da Manhã* priorizou mais a publicação de temas relacionados ao fazer pedagógico, com o uso do *Jornal da Manhã* na sala

de aula, tais como: “Estudantes analisam as propagandas eleitorais”; “JM é fonte de pesquisa”; “Ecofuturo lança nova campanha de leitura”, “Estudantes analisam o discurso das notícias”, “Educadora utiliza o jornal em atividades textuais”, “Aprendendo com números e letras”, “Estudando matemática com Classificados do JM”, dentre outros.

Os dois projetos *Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte* publicam mensagens/textos relacionadas com ações pedagógicas - leitura e produção de texto - vão ao encontro dos objetivos da proposta dos dois projetos *Vamos Ler*.

Os dois projetos *Vamos Ler Jornal da Manhã* e *Tribuna do Norte* utilizam também a teoria do agendamento. Os professores que participam do *Vamos ler Jornal da Manhã* reagendam os temas publicados no projeto nas suas práticas pedagógicas, através de leitura e produção de texto: “Primavera é tema para poesia”; “Turma simula júri sobre aumento de vereadores”, “Violência contra animais vira pauta de discussão”, “Alunos escrevem sobre a Copa 2010”. O mesmo não ocorre com os professores participantes do *Vamos Ler Tribuna do Norte*.

Considerações finais

A partir da análise comparativa morfológica e de conteúdo, verificou-se os temas publicados pelos projetos *Vamos Ler*. Eles atendem aos objetivos dos referidos projetos promovidos pelo *Jornal da Manhã* e pelo jornal *Tribuna do Norte*. As mensagens (matérias) ocupam nas editorias dos dois projetos praticamente o mesmo espaço impresso, inclusive no que se refere à quantidade (em números absolutos), conforme demonstram as tabelas 1 e 3. As diferenças de espaços ocupados em termos de superfície impressa nas editorias desses projetos (ambos os jornais) encontram-se nos elementos gráficos (ilustrações). Nesse quesito, o projeto mantido pelo jornal *Tribuna do Norte* atingiu o percentual (76,7%) em relação ao percentual (26,9%) do *Jornal da Manhã*.

Outro dado importante: as editorias do projeto *Vamos Ler Tribuna do Norte* não utilizam técnicas jornalísticas nos títulos das matérias. As escolas que participam do *Vamos Ler Jornal da Manhã* reagendam e trabalham as mensagens (matérias) na sala de aula. A produção dos alunos é publicada

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GHILARDI, Maria Inês. Mídia, poder e leitura. In: BARZOTTO, Waldir; GHILARDI, Maria Inês (org.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

GONNET, Jacques. *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.

GUTIÉRREZ PÉREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios sociosemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

McCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELLO, José Marques. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.

MORAN, José Manuel C. *Leitura dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.

PENA, Felipe. *Teorias do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2010.

REBELO, José. *O discurso do jornal: o como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.